

EVOLUÇÃO DEFORMACIONAL DAS UNIDADES METASSEDIMENTARES DA PORÇÃO SUL DO CINTURÃO DE CAVALGAMENTOS DA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, NA REGIÃO DE ITAMBÉ DO MATO DENTRO - MG

*Eduardo Guilherme Pires Socoloff^{1,2,3}; Claudio de Morisson Valeriano^{1,4}; Julio Almeida¹; Sergio Wilians de Oliveira Rodrigues¹; Luiz Guilherme do Eirado Silva¹

¹TEKTOS - Grupo de Pesquisa em Geotectônica - UERJ; ²Programa de pós-graduação em Análise de Bacias e Faixas Móveis - UERJ; ³Bolsista FAPERJ; ⁴Pesquisador do CNPq

Este trabalho tem como objetivo a proposição de um modelo de evolução deformacional para as unidades metassedimentares que afloram na extremidade sul da Serra do Espinhaço Meridional, na região de Itambé do Mato Dentro – MG. Para isso, foi realizada integração de uma base de dados estruturais, alimentada por quatro campanhas de campo, referentes às disciplinas Estágio de Campo I (2013 e 2014) e Mapeamento Geológico I (2014 e 2015), da Faculdade de Geologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em termos geológicos regionais, a área de estudo está inserida no extremo sul do Cinturão de cavalgamentos da Serra do Espinhaço Meridional, no domínio externo do Orógeno Araçuaí (ALKMIM *et al.*, 2007). As unidades geológicas expostas, predominantemente metassedimentares, configuram um cinturão de cavalgamentos frontais, com dobramentos assimétricos subordinados, vergentes para a margem leste do Cráton do São Francisco, relacionados ao Evento Brasileiro-Pan-Africano (PEDROSA-SOARES *et al.*, 2007). Com base na relação de superposição entre as estruturas tectônicas descritas na área de estudo, foram discriminadas três fases deformacionais principais, geradas em regime tectônico compressivo de caráter regional (SOCOLOFF, 2017). A primeira fase de deformação (D_1) é marcada pela geração da clivagem S_1 , com autovalores de concentração máxima 094/19, plano axial das dobras intrafoliais centimétricas (F_1). A segunda fase deformacional (D_2) é marcada pela geração das macroestruturas dominantes na Serra do Espinhaço Meridional, representadas por falhas de empurrão e dobras assimétricas subordinadas, vergentes para oeste, cuja clivagem contemporânea (S_2) apresenta autovalores de concentração máxima 100/33. A terceira fase de deformação (D_3) gerou dobras abertas, com plano axial subvertical orientado segundo a direção E-W, subparalela à clivagem S_3 , esta apresentando autovalores de concentração máxima 177/56. Alguns autores apontam para existência de apenas duas fases de deformação, marcadas, neste caso, por uma fase inicial (D_1+D_2) e uma fase posterior (D_3). As paragêneses minerais dos litotipos metapelíticos e metabásicos apontam, para tais fases, pico térmico em condições de fácies xisto verde inferior (baixo grau), zona metamórfica da biotita (SOCOLOFF, 2017). Os mecanismos de recristalização nas unidades metassedimentares fundamentalmente quartzosas refletem clara partição deformacional (SOCOLOFF, 2017). Microtramas dominadas por mecanismos de recristalização dinâmica concentram-se na porção oeste da área de estudo e descrevem, para leste, transição gradual para microtramas cada vez mais poligonizadas. Tal fato é interpretado como resultado da manutenção de altas temperaturas após o estágio orogênico sin-colisional, viabilizando, assim, a obliteração do *fabric* gerado pelos mecanismos de recristalização dinâmica, por parte dos processos de recristalização estática.

Referências bibliográficas

ALKMIM, F. F. et al. Sobre a evolução tectônica do Orógeno Araçuaí-Congo Ocidental. *Geonomos*, v. 15, n. 1, p. 25-43, 2007.

PEDROSA-SOARES, A. C. et al. Orógeno Araçuaí: Síntese do conhecimento 30 anos após Almeida 1977. *Geonomos*, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2007.

SOCOLOFF, E. G. P. *Associações faciológicas e evolução estrutural das unidades metassedimentares da porção sul do Cinturão de cavalgamentos da Serra do Espinhaço Meridional, na região de Itambé do Mato Dentro – MG*. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Faculdade de Geologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.